

O PRINCÍPIO ÉTICO DE PROVÉRBIOS

*Daniel Santos**

RESUMO

O livro de Provérbios está repleto de instruções e admoestações que visam estabelecer uma norma de conduta aceitável. A definição daquilo que é ou não aceitável no livro acaba sugerindo a presença de um princípio ético fundamental que orienta e regula essa decisão. O presente artigo faz um levantamento do que pode ter sido parte desse princípio ético fundamental, tomando como exemplo as instruções e admoestações referentes aos perigos da sociedade israelita. Segundo o autor, os perigos são basicamente três: a) as más companhias, b) a indiferença e c) a promiscuidade.

PALAVRAS-CHAVE

Livro de Provérbios; Ética em Provérbios; Más companhias; Indiferença; Promiscuidade.

INTRODUÇÃO

A literatura sapiencial encontrada no livro de Provérbios é construída sob um princípio ético fundamental que orienta e regula suas comparações, admoestações e instruções. Essa tese vale tanto para os provérbios e instruções que são atribuídos a Salomão, como aos demais sábios que cooperam no livro; todos parecem estar indubitavelmente conscientes de um princípio ético que atua como elemento controlador. Este artigo visa demonstrar como podemos perceber esse princípio no texto de Provérbios.

* O autor é professor de Antigo Testamento no CPAJ desde 2007. É mestre em Teologia Exegética (Th.M., 2001) pelo Covenant Theological Seminary e doutor em Estudos Teológicos no Antigo Testamento (Ph.D., 2006) pela Trinity Evangelical Divinity School. Seus estudos pós-doutorais (Wycliffe Hall, Oxford, Inglaterra) trataram da literatura sapiencial do Antigo Testamento. É autor de diversos artigos e publicou recentemente seu comentário sobre o livro de Jó.

Para nossa tristeza, o livro de Provérbios não revela nem comenta detalhadamente esse princípio ético fundamental de forma explícita. A declaração consagrada de que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria não explica tudo o que comumente é atribuído a esse texto. Para usarmos esse conceito, precisaríamos definir o que o temor do Senhor significava na literatura sapiencial e, mais especificamente, em Provérbios. Essa é uma tarefa dificultada pela afirmação no próprio livro de que o temor do Senhor consiste em “aborrecer o mal; a soberba, a arrogância, o mau caminho e a boca perversa” (8.13). A dificuldade com isso é a seguinte: como esses elementos podem juntos produzir o conhecimento sapiencial contido no livro? Isso não está claro e nem é fácil de ser demonstrado. Além disso, será que podemos usar a palavra princípio (1.7) como equivalente à noção de “elemento arquétipo, causa primeira” ou “a proposição lógica fundamental sobre a qual se apoia um raciocínio”? O livro de Provérbios não foi escrito para responder esse tipo de investigação; ele não apresenta uma seção especial que trata da metodologia aplicada na composição dos provérbios, nem do princípio epistemológico que governa e valida o conhecimento apresentado no livro.

Entretanto, uma leitura do texto de Provérbios como hoje ele se encontra nas Escrituras produz rapidamente a percepção de que é possível delinear alguns pontos básicos presentes nesse princípio controlador. Por isso, a abordagem adotada neste estudo será dedutiva, mas uma dedução informada pela teologia bíblica de Provérbios e da literatura sapiencial do Antigo Testamento.

1. PROPOSTAS DE PRINCÍPIO ÉTICO FUNDAMENTAL

Uma das características distintivas do livro de Provérbios, quando comparado com a literatura sapiencial de outros povos, é a atenção que ele dedica à sabedoria em si.¹ É muito comum encontrar textos do mundo antigo que oferecem instruções de sabedoria, mas é raro encontrar textos que tratam *a respeito* da sabedoria, definindo-a e qualificando-a.² Tal constatação deve ser celebrada; isso é um bom sinal e vários estudiosos já fizeram uso dessa janela oferecida pelo estilo peculiar de Provérbios. Fox, por exemplo, enumera quatro tópicos que são recorrentes na literatura sapiencial do Antigo Testamento, mas quase nunca são encontrados nos textos de outras nações ao redor de Israel: “A identificação da sabedoria com a justiça, a identificação da sabedoria com a piedade, o louvor dirigido diretamente à sabedoria e a exigência de amar

¹ WEEKS, Stuart. *Early Israelite Wisdom*. Oxford; New York: Clarendon Press; Oxford University Press, 1994, p. 17.

² WEEKS, Stuart. *An Introduction to the Study of Wisdom Literature*. London; New York: T & T Clark, 2010, p. 46; WEEKS, Stuart. *Instruction and Imagery in Proverbs 1-9*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007, p. 13.

e buscar a sabedoria”.³ Garret, por outro lado, reconhece o modo característico da ética em Provérbios, mas não a considera sem precedente no mundo antigo.⁴ Dentre os temas mais utilizados para avaliar a singularidade da ética fundamental de Provérbios estão: o papel da mulher adúltera,⁵ as palavras dos sábios (22.17–24.22)⁶ e as instruções dirigidas aos filhos (1.7–9.18).⁷

A proposta apresentada no presente estudo adota a sugestão de Fox como ponto de partida, crendo que tanto as semelhanças como as diferenças podem atestar a singularidade do princípio ético fundamental de Provérbios. Até mesmo Fox, quando analisando as grandes similaridades entre a ética de Provérbios e a dos escritos de Sócrates, afirma corretamente que ambos têm como objetivo ensinar ao jovem conhecimento e bom siso, porém os métodos para alcançar tal objetivo são radicalmente diferentes.⁸ Desta forma, proponho que o princípio ético fundamental de Provérbios é melhor observado quando analisado a partir dos perigos com os quais tal ética pretende interagir.

2. A ÉTICA DE PROVÉRBIOS E OS PERIGOS DA SOCIEDADE ISRAELITA

A expressão “ética de Provérbios” não deve ser entendida nem como um produto da opinião dos pais que instruem o filho no livro, nem dos sábios que participaram da composição do mesmo, mas sim como a ética de Deus manifestada no livro. As advertências dirigidas aos filhos, especialmente nos primeiros nove capítulos do livro, mas também aos “simples” e aos “jovens” de modo geral, são advertências que refletem um princípio ético divino.

Há varias maneiras de fundamentar essa afirmação, mas uma visão geral da estrutura do livro pode ser a mais adequada no momento. Provérbios é um livro composto basicamente de duas partes. A primeira parte (caps. 1-9) contém admoestações que se assemelham mais a sermões ou instruções. Nessa primeira parte, não encontraremos os provérbios de uma sentença apenas, por exemplo, “O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor” (Pv 16.1). Este tipo de provérbio está praticamente restrito à segunda parte do livro (caps. 10-29). A primeira parte, então, aborda

³ FOX, Michael V. “Ethics and Wisdom in the Book of Proverbs”, *Hebrew Studies* 48, no. 1 (2007): 75.

⁴ GARRETT, Duane A. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, vol. 14 (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1993), p. 21.

⁵ ALETTI, Jean Noel. “Seduction Et Parole En Proverbes I-Ix”, *Vetus testamentum* 27, no. 2 (1977).

⁶ EMERTON, J. A. Emerton, “The Teaching of Amenemope and Proverbs Xxii 17 – Xxiv 22: Further Reflections on a Long-Standing Problem”, *Vetus testamentum* 51, no. 4 (2001).

⁷ WEEKS, *Instruction and Imagery in Proverbs 1-9*.

⁸ FOX, “Ethics and Wisdom in the Book of Proverbs”, p. 77.

os perigos da sociedade de uma forma pedagogicamente diferente daquilo que encontraremos no restante do livro. Esta é uma observação importante de ser considerada porque, mesmo não encontrando em Provérbios uma advertência nos moldes dos Dez Mandamentos, as advertências aqui contidas não são de valor relativo.

Uma boa maneira de entender a finalidade dessa seção inicial de nove capítulos é compará-la com um cenário construído para que os demais provérbios que são menores pudessem ser entendidos em contexto. Embora a impressão inicial de uma leitura dos provérbios da primeira seção do livro seja semelhante à de ler ou ouvir um slogan em um comercial de TV, com uma mensagem curta e atrativa, a impressão daqueles que leram estes provérbios na época em que foram escritos foi bem diferente. Os provérbios não são slogans e não devem ser lidos nem interpretados de maneira desconexa com a coleção na qual estão inseridos. Por exemplo, quando Pv 30.18 afirma “tal é o caminho da mulher adúltera: come, e limpa a boca, e diz ‘não cometi maldade’”, o leitor original do livro já sabia de antemão que essa atitude devia ser entendida em relação ao cenário da mulher adúltera descrito na primeira parte do livro (Pv 2.16-22; 5.1-23; 6.20-35; 7.1-27; 9.13-18). Quando uma citação abreviada é feita sobre o assunto (como é o caso de Pv 30.18), a sua compreensão requer uma conexão imediata com o contexto maior criado pelos cenários anteriores. Assim, proponho que o pano de fundo conceitual dos provérbios encontrados na segunda parte do livro (10-29) são os cenários temáticos encontrados na primeira parte (1-9).⁹

Destarte, prossigo ilustrando o modo como o princípio ético fundamental de Provérbios lida com três tipos de problemas. A escolha desses temas é aleatória, já que existe uma quantidade bem maior de temas tratados no livro.

2.1 O princípio ético de Provérbios e o perigo das más companhias

O livro de Provérbios visa despertar o interesse de uma geração jovem para o valor da sabedoria que procede de Deus e, para atingir este objetivo, seu princípio ético entra em ação. É possível perceber nas palavras dos pais e também da “mulher sabedoria” (os agentes responsáveis em promover o princípio ético) que a tarefa não é simples. Muitos jovens estão divididos entre os valores da sociedade em que vivem e os valores eternos embutidos nesta caminhada em busca da sabedoria proveniente dos céus. As más companhias desempenham um papel importante na decisão do jovem quanto àquilo que

⁹ A esse respeito, ver também: WALTKE, Bruce. *The Way of Wisdom: Essays in Honor of Bruce K. Waltke*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000, p. 23; WALTKE, Bruce. *The Book of Proverbs: Chapters 15-31*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005, p. 198.

irá valorizar como indispensável. Pensemos um pouco no perfil desse jovem e no papel que as más companhias têm nesse processo.

2.1.1 Quem é o jovem em risco?

Se tivermos que construir um perfil desse jovem a partir das preocupações que o seu pai e a sua mãe têm a seu respeito, algumas coisas sobressaem. Primeiro, havia a preocupação com a aparente aventura associada com o estilo de vida desses amigos (Pv 1.8-19). A julgar pela quantidade de argumentos dedicados a esse ponto, os jovens daqueles dias poderiam com muita facilidade estar se envolvendo com situações semelhantes àquelas descritas em Provérbios. Os jovens daqueles dias, a semelhança dos de hoje, andavam ávidos por um estilo de vida recheado de aventuras e desafios. Consequentemente, os pais estavam conscientes do poder sedutor do estilo de vida comum entre os jovens daquela sociedade: “Filho meu, se pecadores querem te seduzir, não o consintas” (Pv 1.10). Segundo, ainda como parte dessa mesma preocupação, os pais estão cientes de que esse processo de sedução começa com uma simples caminhada *com eles*: “Filho meu, não te ponhas a caminho *com eles*; guarda das suas veredas os pés” (Pv 1.15). Se esses pais estão preocupados com esse processo de acomodação cultural do seu filho nos caminhos da sociedade, é possível que a rotina dos jovens naqueles dias e desse jovem em particular fosse repleta de oportunidades para compartilhamento mútuo de valores. É exatamente por causa dessa possibilidade real que seus pais investem na preparação do seu filho para poder resistir à pressão dos companheiros nos dias da sua vida adulta.

2.1.2 Qual o papel dessas más companhias?

No cenário inicial descrito em Pv 2.8-19, o papel das más companhias é o de convencer o jovem a deixar o seu caminho e unir-se ao expediente de bandidagem e homicídio do grupo.¹⁰ O desafio desses maus companheiros é fazer o jovem desviar-se do seu *caminho* por meio de propostas que consideram o caminho mau mais atraente. Na segunda seção do livro, podem-se ver alguns exemplos do modo como a ideia de *caminho* é fundamental para entendermos o que esses perversos estão buscando.

Exemplo 1. “Quem anda em integridade anda seguro, mas o que perverte os seus *caminhos* será conhecido” (Pv 10.9). Nesse exemplo o provérbio confronta a proposta dos maus amigos mostrando que a *segurança* está disponível apenas para os que andam em integridade. Aquilo que os pecadores estavam

¹⁰ Ver DELL, Katharine J. “Proverbs 1-9: Issues of Social and Theological Context”. *Interpretation* 63, no. 3 (2009): 230-31; WHYBRAY, Roger N. “The Structure and Ethos of the Wisdom Admonitions in Proverbs”. *Expository Times* 94, no. 5 (1983): 148; FOX, Michael V. *Proverbs 1-9: A New Translation with Introduction and Commentary*. Anchor Bible. New York: Doubleday, 2000.

propondo ao jovem no capítulo 2.8-19 não apresenta o lado da *insegurança* inerente ao caminho que eles promovem. Exemplo 2. “O que anda na retidão teme ao Senhor, mas o que anda em *caminhos* tortuosos, esse o despreza” (Pv 14.2). Nesse exemplo o provérbio estabelece uma relação direta entre a caminhada de um jovem e o seu relacionamento com o Senhor. Desprezo é a palavra usada para definir essa relação. Não há como andar pelos caminhos dos pecadores e deixar de *ignorar* o Senhor. Nossa caminhada diária inevitavelmente se constitui numa ação de desprezo ou de louvor ao Senhor que nos criou; não há uma alternativa intermediária. Exemplo 3. “Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em *caminhos* de morte” (Pv 14.12). Nesse exemplo vemos que a definição daquilo que é chamado “caminho direito” depende de uma observação completa de tudo o que está envolvido nele. Não basta olhar apenas para as aventuras pontuais que acontecem em alguns momentos da jornada; é preciso olhar para o final dela. Isso também não foi mostrado na proposta dos maus amigos no capítulo 2. Exemplo 4. “O infiel de coração dos seus próprios *caminhos* se farta, como do seu próprio proceder, o homem de bem” (Pv 14.14). Neste exemplo vemos um princípio definidor daquilo que escolheremos: o que satisfaz a minha alma? A escolha em ouvir ou recusar a proposta dos maus amigos vai depender muito daquilo em que a alma encontra prazer e deleite. Exemplo 5. “Todos os *caminhos* do homem são puros aos seus olhos, mas o Senhor pesa o espírito” (Pv 16.2). Esse exemplo complementa a ideia do exemplo 3. A avaliação que fazemos do caminho em que outros andam ou em que nós pretendemos andar precisa ser feita pelo Senhor, pois só ele pesa os corações. Esse tipo de auditoria só pode ser executada por aquele que nos criou. Exemplo 6. “Há *caminho* que parece direito ao homem, mas afinal são *caminhos* de morte” (Pv 16.25). Esse exemplo reforça ainda mais a tese defendida pelos exemplos 3 e 5, enfatizando o preço oculto que deve ser pago pelos que optam por trilhar a jornada dos ímpios. Esse provérbio reflete bem o cenário descrito no capítulo 2 de Provérbios, pois o plano dos pecadores era tirar a vida de pessoas inocentes, mas tal proeza acabava custando a própria vida deles.

Em resumo, o perigo apresentado pelas más companhias está relacionado com a capacidade que elas têm de interferir na maneira como o jovem valoriza ou não a busca da sabedoria. O perigo maior de andar *com eles* não é por causa dos crimes que eles cometem, mas principalmente porque eles poderão tirar do jovem a oportunidade de experimentar a caminhada com Deus. Diante disso, a proposta de Provérbios é de que um *jovem justo*, ao invés dos pecadores, seja quem guie o seu companheiro (cf. Pv 12.26: “O justo serve de guia para o seu companheiro, mas o caminho dos perversos os faz errar”). Em outra ocasião, Provérbios demonstra que aquele que anda com sábios será sábio (cf. Pv 13.20: “Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau”). Observe que neste caso o oposto de sábio

não é tolo, mas “mau”, ou seja, os que não andam com os sábios se tornarão mais do que tolos ou insensatos, mas homens “maus”. Por fim, o maior perigo que Provérbios apresenta nesse assunto é o aliciamento do jovem que deseja andar nos caminhos do Senhor (cf. Pv 16.29: “O homem violento alicia o seu companheiro e guia-o por um caminho que não é bom”).

Como Provérbios pretende minimizar ou impedir esse aliciamento? Será que os pais desse jovem de Provérbios acreditam na possibilidade de criar um filho ou filha num contexto em que eles não serão aliciados pelo “homem violento”? A linguagem de provérbios para tratar desse assunto é preventiva, ou seja, ela parte do pressuposto de que o filho ou a filha ainda estão sob a tutela dos pais e não foram corrompidos pela proposta do “homem violento”. Provérbios não adota a postura de *proibição* em termos semelhantes aos dos Dez Mandamentos. Em vez de determinar como mandamento inquestionável que o filho *não andar*á na companhia dos ímpios, a linguagem do autor de Provérbios apresenta as admoestações dos pais na forma de um convite motivacional, carregado com o profundo desejo de que o jovem ouça o que é dito.

2.2 O princípio ético de provérbios e o perigo da indiferença

O princípio ético fundamental considera a indiferença, que se manifesta na forma de escárnio ou desprezo, como um perigo mais sério do que a incredulidade. Desde o início do livro, Provérbios contrapõe o temor do Senhor¹¹ com o “desprezo” e não com a incredulidade: “O temor do Senhor é o princípio do conhecimento, mas os ímpios *desprezam* a sabedoria e a disciplina” (Pv 1.7).¹² No primeiro discurso da sabedoria (Pv 1.20-33), o desprezo é apresentado e confrontado como um subproduto do escárnio; eles preferem escarnecer a dar ouvidos aos conselhos da sabedoria: “Até quando, ó néscios, amareis a necessidade? E vós, escarnecedores, desejareis o escárnio? E vós, loucos, aborrecereis o conhecimento?” (Pv 1.22).¹³

Em Provérbios, o zombador é aquele contra quem a sabedoria se coloca no dia da calamidade: “Mas, porque clamei, e vós recusastes; porque estendi a mão, e não houve quem atendesse; antes, rejeitastes todo o meu conselho e não quisestes a minha repreensão; também eu me ri em vossa desventura, e, em vindo o vosso terror, eu zombarei” (Pv 1.24-26). O zombador é alguém que não merece sequer ser corrigido: “Quem corrige o zombador traz sobre si

¹¹ SCHWÁB, Zóltan. “Is Fear of the Lord the Source of Wisdom or Vice Versa?”. *Vetus Testamentum* 63, no. 4 (2013): 652-62.

¹² WALTKE, Bruce K. “Righteousness in Proverbs”. *The Westminster Theological Journal* 70, no. 2 (2008): 225-37; JOHNSON, John E. “An Analysis of Proverbs 1:1-7”. *Bibliotheca Sacra* 144, no. 576 (1987): 429-30.

¹³ Há muito que ainda precisamos descobrir sobre a estratégia de educação no mundo antigo. Ver a discussão em CRENSHAW, James L. “Education in Ancient Israel”. *Journal of Biblical Literature* 104, no. 4 (1985): 610.

insulto” (Pv 9.7), ou “não repreenda o zombador, caso contrário ele o odiará” (Pv 9.8). O zombador é alguém que não vê nenhum sentido em reparar o pecado cometido, pois a sua atitude de zombaria é intencional e não acidental (Pv 14.9). O zombador é alguém comumente alterado pelos efeitos do vinho ou da bebida forte (Pv 20.1). O zombador tem um estilo de vida característico: “O vaidoso e arrogante chama-se zombador; ele age com extremo orgulho” (Pv 21.24). O zombador é visto em Provérbios como a fonte das brigas e contendas: “Quando se manda embora o zombador, a briga acaba; cessam as contendas e os insultos” (Pv 22.10). O zombador interfere na vida de uma cidade: “Os zombadores agitam a cidade, mas os sábios apaziguam” (Pv 29.8). Os zombadores serão severamente punidos, especialmente quando a sua zombaria é dirigida aos pais: “Os olhos de quem zomba do pai, e, zombando, nega obediência à mãe, serão arrancados pelos corvos do vale, e serão devorados pelos filhotes do abutre” (Pv 28.17).

Veja, então, que a atitude de desprezo em Provérbios é alimentada por um espírito de zombaria e não apenas por um gesto passivo de indiferença. É contra esse tipo de atitude que o princípio ético fundamental de Provérbios dedica uma parte considerável de sua atenção, pois a zombaria se propaga e contamina as pessoas rapidamente. Para os pais deste jovem em Provérbios, a zombaria não deve ser encarada como uma brincadeira ou uma atitude descontraída com a vida, mas sim como um estilo de vida que alimenta e promove a *indiferença* para com as virtudes da sabedoria proveniente de Deus. É precisamente por causa dessa *indiferença* que a zombaria é encarada com seriedade, como sendo um dentre os fatores mais cotados que desviam os filhos dos caminhos do Senhor.

2.3 O princípio ético de Provérbios e o perigo da promiscuidade

Uma quantidade considerável das instruções contidas na primeira parte do livro de Provérbios (capítulos 1–9) trata do perigo real e iminente da promiscuidade. Dos 248 versículos contidos nessa primeira parte de Provérbios, 72 tratam do tema da promiscuidade, ou seja, 29% das instruções e admoestações são dedicados a esse tema.

A primeira seção que discute a promiscuidade apresenta aquela que tenta dissuadir o jovem de seu interesse nos conselhos e convites da sabedoria – a *mulher adúltera* (2.16-22).¹⁴ Ela aparece como parte da instrução dos pais, os

¹⁴ Há vários estudos sobre esse tema: MURPHY, Roland E. “Wisdom and Eros in Proverbs 1-9”. *The Catholic Biblical Quarterly* 50, no. 4 (1988): 600-03; ESTES, Daniel J. “What Makes the Strange Woman of Proverbs 1-9 Strange?”. In: *Ethical and Unethical in the Old Testament: God and Humans in Dialogue*. New York: T & T Clark, 2010, p. 151-69; SHUPAK, Nili. “Female Imagery in Proverbs 1-9 in the Light of Egyptian Sources”. *Vetus Testamentum* 61, no. 2 (2011); WALTKE, Bruce K. “Lady Wisdom as Mediatrix: An Exposition of Proverbs 1:20-33”. *Presbyterion* 14, no. 1 (1988): 1-15; GARRETT, Duane A. “Votive Prostitution Again: A Comparison of Proverbs 7:13-14 and 21:28-29”. *Journal of Biblical Literature* 109, no. 4 (1990): 681-82.

quais incentivam o jovem a buscar a sabedoria. Essa personagem chamada *mulher adúltera* é cuidadosamente descrita com os seguintes qualificativos: a) *sua origem*: ela é estrangeira (2:16), b) *sua maior habilidade*: ela é conhecida pela sua capacidade de lisonjear (2.16), c) *seu histórico*: ela abandona os amigos de sua mocidade (2.17) e d) *seu compromisso religioso*: ela se esquece da aliança feita com seu Deus (2.17). Segundo a instrução dos pais, o envolvimento com esse tipo de mulher é uma caminhada sem volta (“todos os que se dirigem a essa mulher não voltarão” [v. 19]), além de ser um envolvimento que compromete o pleno exercício do discernimento (“todos os que se dirigem a essa mulher não atinarão com as veredas da vida” [v. 19]). Ora, é evidente que a posição dos pais reflete um princípio ético fundamental, pois a justificativa apresentada por eles vai além de uma mera observação das consequências imediatas: “porque sua casa [ou seja, da mulher adúltera] se inclina para a morte, e suas veredas, para o reino das sombras da morte” (2.18). Na cultura israelita do Antigo Testamento, que era regulada pelas leis mosaicas, o adultério era considerado um crime hediondo e punido com a morte. Esses pais, todavia, falam do “reino das sombras da morte”, apontando para um conceito moral que subjaz às penas previstas na lei mosaica. Ao fazer isso, os contornos do princípio ético começam a aparecer.

A segunda seção que trata do tema da promiscuidade dedica um capítulo inteiro para descrever o perigo da mulher adúltera (5.1-23). A diferença entre essa seção e a anterior é o contexto em que a instrução apresenta o caso. Anteriormente o tema apareceu como parte de um assunto distinto; nesse capítulo ele aparece como o principal assunto, além de descrever a mulher adúltera em seu contexto mais amplo. Os perigos apresentados nesse novo cenário em relação à mulher adúltera são dois: a) seus lábios (5.3-4) e b) seus pés (5.5-6). À semelhança do que ocorreu no caso anterior, a justificativa apresentada pelos pais pressupõe um princípio ético fundamental que subjaz uma mera avaliação de consequências imediatas: “Os seus pés descem à morte; os seus passos conduzem-na ao inferno” (5.5). O envolvimento com essa mulher trará graves prejuízos: a) à honra: “para que não dês a outrem a tua honra” (5.9), b) aos bens: “para que dos teus bens não se fartem os estranhos” (5.10), c) ao corpo: “e gemas no fim de tua vida, quando se consumirem a tua carne e o teu corpo” (5.11). No âmbito espiritual, os prejuízos são: a) desprezo pela disciplina (5.12), b) desprezo pelos mestres (5.13) e c) desprezo pela congregação do povo de Deus (5.14).

A terceira seção que trata do tema da promiscuidade avalia o perigo do ponto de vista daquele que se envolve com a mulher adúltera, que aqui também é chamada de “mulher vil” e “mulher alheia” (6.20-35). Se, por um lado, essa mulher pode ludibriar o jovem por meio de suas palavras suaves, por outro lado o próprio jovem pode também agir ativamente na construção desse envolvimento de duas maneiras: a) cobiçando a beleza da mulher adúltera e

b) flertando com ela (6.25). Nesse caso específico, a admoestação dos pais revela que o princípio ético fundamental era alimentado pela lei de Deus, pois os castigos apresentados são fundamentados nela. A linguagem utilizada em Provérbios de “se chegar à mulher do próximo” (6.29) é um reflexo das regulamentações encontradas em Levítico 20.10.

A quarta seção que trata do tema da promiscuidade descreve a mulher adúltera em ação (7:1-27). Ela é uma mulher casada, seu marido viajou e não retornará em breve. Ela aproveita o período de ausência para iniciar suas aventuras de adultério com os que passam pela rua. É crucial entendermos que o perigo apresentado no livro é o de uma pessoa mais velha que tenta explorar a inocência de um jovem que ainda não experimentou um relacionamento conjugal em toda a sua plenitude. Isso significa que o jovem está em desvantagem nessa comparação. Ele é aquele que é visto como a presa no experimento amoroso da mulher que tem planos adúlteros. A descrição das artimanhas da mulher adúltera aqui resume muito do que já havia sido mencionado anteriormente, especialmente o poder persuasivo de suas palavras. Mais do que em qualquer outra parte do livro, nessa instrução do capítulo 7 temos uma amostra detalhada do tipo de argumento que torna suas palavras persuasivas. A admoestação dos pais para se distanciar dela está fundamentada, como nos outros casos, num princípio ético fundamental, o qual pode ser deduzido da justificativa apresentada: “porque a muitos feriu e derribou; e não são poucos os que por ela foram mortos. A sua casa é caminho para a sepultura (lit. *sheol*) e desce para as câmaras da morte” (7.26-27). Essa justificativa já foi apresentada em 2.18, mostrando que o princípio ético em Provérbios não é alimentado apenas pelo senso comum, mas por conceitos teológicos que consideram a existência humana diante dos olhos de Deus.

A última seção que trata do tema da promiscuidade nos capítulos 1-9 de Provérbios consiste de um breve relato da *mulher apaixonada* (9.13-18). Em primeiro lugar, é preciso entender corretamente o significado do termo hebraico traduzido como “apaixonada”. A versão corrigida opta pela palavra “alvorçada”. O mesmo acontece com versões em outras línguas: “loud” (ESV), “alborotadora” (Reina-Valera 1969), “unruly” (NIV). É provável que a melhor tradução seja mesmo aquela que explora a questão da inquietação e do barulho, e não o termo “apaixonada”. Tanto em Provérbios 9.13 como em 7.11, o conceito está associado a um contexto que não permite optar pela tradução “apaixonada”. No contexto dessa última seção, a ideia de ser barulhenta e alvorçada combina melhor com o alvo da narrativa, pois essa mulher está assentada à porta da cidade para falar aos que passam. Mais uma vez, o conteúdo da proclamação dessa mulher assentada no alto da cidade revela o mesmo princípio ético fundamental, pois as justificativas envolvem a morte e o inferno: “Eles [os que ouvem a mulher], porém, não sabem que ali estão os mortos, que os seus convidados estão nas profundezas do inferno” (9.18).

Como os pais planejam implementar o princípio ético nesse cenário permeado pelos perigos da promiscuidade? A abordagem adotada pelos pais é dupla: eles prometem ensinar ao jovem o caminho e a oportunidade para *entender o temor do Senhor* e, além disso, a oportunidade de *achar o conhecimento de Deus* (Pv 2.5). O maior desafio dessa oferta é basicamente o interesse que o jovem manifesta por aquilo que está sendo oferecido, ou seja, a oferta dos pais parece inicialmente sem qualquer atrativo para o jovem. Por que os pais acham que o jovem aceitaria ou sequer se interessaria pela oferta? Vejamos mais de perto os detalhes da oferta.

2.3.1 Se aceitares as minhas palavras

Primeiramente, a proposta dos pais é de que o jovem aceite as palavras deles. Essa parece ser a parte mais difícil do trabalho de instrução e discipulado dos nossos filhos – aceitar as palavras dos pais. O modo como o discurso dos pais apresenta o assunto demonstra que eles entendem a seriedade do desafio que está diante deles. Eles sabem que esse primeiro passo é fundamental para o sucesso de tudo o mais que eles intentem fazer. Se o jovem decidir aceitar as palavras dos pais, acontece uma reação em cadeia. Este, a meu ver, é o centro da estratégia desses pais em Provérbios: eles não impõem o assunto nem exigem obediência, mas oferecem e desafiam o jovem a *aceitar* tais palavras. Esse simples procedimento nos ensina uma grande lição. Aquilo que um jovem *aceita* tem um impacto muito maior em seu interesse em se apegar àquilo que foi dito e perseverar naquela instrução.¹⁵

Com certeza há algumas coisas que podemos fazer para colaborar nesse processo de *aceitação*. O elemento atrativo na proposta dos pais, “se aceitares as minhas palavras”, vem logo em seguida: “para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o teu coração ao entendimento” (Pv 2.2). Observe que as palavras dos pais não são um fim em si mesmas, mas consistem de orientações e palpites sobre como treinar o ouvido e o coração para a sabedoria e a inteligência. As palavras dos pais são instruções não de como os filhos devem ouvir os conselhos dos pais ou viver segundo os seus costumes, mas sim de como os filhos devem treinar seus ouvidos e corações para a sabedoria e o entendimento provenientes de Deus. Reconheço que isso é mais fácil de dizer do que de fazer. Todavia, a atitude desses pais em Provérbios nos ensina que o nosso alvo como pais que amam os filhos não é torná-los como nós, ouvindo somente aquilo que temos a dizer. Nosso alvo é preparar seus ouvidos e corações para ouvirem todos aqueles que Deus colocar em seus caminhos como instrumentos de ensino e correção. Muitos desastres morais acontecem

¹⁵ Ver uma discussão a esse respeito em: NEL, Philip J. “Authority in the Wisdom Admonitions”, *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 93, no. 3 (1981): 418-26; FOX, Michael V. “The Pedagogy of Proverbs 2”. *Journal of Biblical Literature* 113, no. 2 (1994): 233-43.

por causa de filhos jovens que não aprenderam a dar ouvidos à sabedoria ou inclinar seus corações ao entendimento.

Ora, se as palavras e ensinamentos dos pais nesse capítulo têm a finalidade de *treinar* o coração e o ouvido do jovem, não seria o caso de pensarmos que as palavras da *Sabedoria* são as que realmente conduzem ao conhecimento e temor do Senhor? Não seria o caso de pensarmos em nossos ensinamentos (nós os pais) como apenas instrumentos facilitadores para o verdadeiro conhecimento e aprendizado? Eu creio ser esse o caso. Muitos pais parecem ter perdido um pouco de vista essa perspectiva no trato com seus filhos. Não é fácil ver nossos filhos colocarem a perder suas vidas por darem ouvidos e inclinarem seus corações a opiniões e valores que são subproduto da decadência humana. Mesmo assim, não podemos perder de vista essa luz no fim do túnel avisando-nos que o *objeto da obediência* que estamos proclamando não são as nossas palavras. Meu objetivo não é fazer meu filho *me obedecer*, mas sobretudo obedecer ao Senhor.

2.3.2 Se clamares por inteligência

O que exatamente seria contado como um ato legítimo e verdadeiro de *aceitação* dos ensinamentos dos pais? Como saber se o jovem realmente conseguir treinar o ouvido e o coração para as palavras da verdadeira Sabedoria? Há dois elementos concretos que podem servir para medir o grau de aceitação: “se clamares” e “se buscares como a prata” (Pv 2.3-4). Neste segundo estágio entendemos que a tarefa dos pais tinha realmente um escopo limitado e preparatório apenas. A tarefa mais gloriosa é ver nossos filhos clamando por inteligência por motivação própria. Estes dois versos nos ensinam que o *modo* como os nossos jovens buscam a sabedoria de Deus dignifica o trabalho inicial dos pais exatamente porque buscam algo maior.

Com respeito ao *modo* como eles buscarão a sabedoria e o entendimento, dois exemplos são dados: eles “clamam” e “alçam as vozes”. Ou seja, o modo é característico da juventude – muito volume e entusiasmo. Na visão do livro de Provérbios, essa atitude não deve ser vista como negativa, pois melhor é ver nossos filhos clamando por sabedoria do que alçando suas vozes para a promiscuidade e perversão. O propósito final e maior dos ensinamentos dos pais é exatamente este de levar os filhos e alçarem a voz em busca da sabedoria, mas quando algo neste processo não funciona como deveria o resultado acaba produzindo filhos que alçam suas vozes contra seus pais e todo tipo de instrução que os conduziria ao Senhor. O método desses pais em Provérbios certamente não envolvia admoestações com gritos, mas o resultado do trabalho culminava numa busca eufórica pela sabedoria. Quando virmos nossos filhos no pico mais alto do telhado da casa gritando a plenos pulmões sobre seu interesse na Sabedoria, deveríamos dar graças a Deus pelo dever cumprido (e orar para que eles consigam descer de lá sem quebrar as pernas).

2.3.3 Se buscares a sabedoria como a prata e tesouros escondidos

O terceiro elemento a ser considerado na proposta dos pais é a motivação com a qual seus filhos buscarão a sabedoria. Quando Provérbios compara esta motivação com a procura pela prata ou tesouros escondidos, a ideia não equivale a dizer que estão apenas correndo atrás de dinheiro. A figura aqui é aplicada ao reconhecimento da recompensa em investir tempo e esforço nessa direção. Além disso, estes pais estão deixando bem claro que o jovem não deve encarar essa jornada como tendo um único objetivo – agradar os pais. Essa não é a recompensa que motiva o jovem em Provérbios. Essa não é a recompensa que deveria motivar os jovens hoje.

As palavras e instruções desses pais em Provérbios tinham a finalidade de inspirar uma *motivação* genuína, que estivesse associada à Sabedoria em si e não aos pais. A razão parece muito simples. Se treinarmos nossos filhos a nos obedecerem com a finalidade única de agradar e satisfazer o nosso desejo como pais, nós podemos até conseguir isso por um tempo, mas o que acontecerá quando este jovem adentrar a vida adulta e se tornar independente? Será que essa inspiração ainda o motivaria na busca da sabedoria? Alguns filhos chegam ao ponto de dizer: “Eu só não faço isso porque meus pais ainda estão vivos, mas assim que eles morrerem...”. Deus livre nossos filhos e filhas de trilhar nessa direção.

Veja bem, a motivação verdadeira não é aquela que *despreza ou desonra* os pais a fim de honrar e valorizar a sabedoria como tesouros escondidos. A verdadeira motivação é aquela que honra os pais ao entender que seus ensinamentos os conduziram a algo com valor inestimável. Não existe nada mais honroso e gratificante para os pais do que verem seus filhos buscando a sabedoria pelo valor que ela tem, e não apenas para agradá-los enquanto vivos.

2.3.4 As recompensas de buscar a sabedoria

Tudo isto que os pais têm proposto precisa ser feito de modo correto e com a motivação legítima, a fim de que o princípio ético seja implementado. Nos versos que se seguem, os pais descrevem detalhadamente algumas recompensas dessa jornada. Há quatro coisas que são apresentadas: a) o jovem entenderá o temor do Senhor (2.5), b) o jovem achará o conhecimento de Deus (2.5), o jovem entenderá justiça, juízo e equidade (2.9), c) a sabedoria entrará em seu coração (2.10), d) será liberto do caminho do mal (2.12) e será liberto da mulher adúltera (2.16).

Entender o temor do Senhor (2.5). Já sabemos desde o início do livro de Provérbios que o temor do Senhor é princípio de todo esse projeto de busca de sabedoria. É o temor do Senhor que torna esse empreendimento possível e justificável. *Achar o conhecimento de Deus* (2.5). O conhecimento de Deus não é igualado à sabedoria. Obter a sabedoria não é o mesmo que obter o

conhecimento de Deus. Conforme a instrução dos pais, é o Senhor quem dá sabedoria e de seus lábios procede todo entendimento. O alvo de todo esse projeto de treinamento em busca da sabedoria é nada menos que conhecer a Deus. Nesse nível a sabedoria em si perde sua primazia, tornando-se também uma ferramenta para alcançar um fim maior que é o conhecimento de Deus. *A sabedoria entrará no teu coração* (2.10). Esse conceito parece completar a preparação inicial que os pais tiveram de treinar o coração do jovem a inclinar-se para a sabedoria. Quando isso acontece de maneira satisfatória, a sabedoria se compraz em habitar no coração do jovem.

Ser salvo do caminho do mal (2.12). Conforme vimos no primeiro capítulo, o jovem está sempre rodeado de propostas de amigos que querem envolvê-lo em toda sorte de crimes e situações que irão comprometê-lo pelo restante de sua vida. Uma recompensa prática da busca da sabedoria é que ela irá salvar o jovem dessas ciladas. Nas próximas lições veremos com mais detalhes o que esse caminho do mal significa. Finalmente, *ser salvo da mulher adúltera* (2.16). Dentro do contexto do livro essa é a maior ameaça que se antepõe no caminho do jovem em busca da sabedoria – a promiscuidade. Nas lições a seguir trataremos dos detalhes da proposta da mulher adúltera e do modo como ela envolve o jovem em sua caminhada.

CONCLUSÃO

Conforme anunciado na introdução, o princípio ético que regula as decisões apresentadas no livro de Provérbios é deduzido a partir de uma leitura do próprio texto bíblico, especialmente do modo como o autor bíblico apresenta os discursos. Entretanto, não há como argumentar que Agur ou a mãe de Lemuel tinham consciência de tal princípio ético quando compuseram seus provérbios e instruções. O princípio ético de Provérbios deve ser entendido como um fator imputado ao livro em seu formato final por obra do Espírito Santo, por meio daquele (não sabemos quem) que Deus usou para concluir esse livro. Por causa da informação contida na abertura do capítulo 25, é impossível afirmar que Salomão foi o responsável pela forma final do livro, pois os homens de Ezequias ainda estavam transcrevendo provérbios para montar a terceira seção do livro séculos após a sua morte. Assim sendo, proponho que o princípio ético ilustrado nesse estudo seja entendido como um fator oriundo do cânon bíblico e não da cosmovisão israelita dos dias de Salomão. Quando lemos Provérbios como uma amostragem de usos e costumes de uma sociedade primitiva, compilados em formato proverbial, perdemos o seu principal elemento de autoridade: a revelação divina construindo das partes um todo teologicamente coerente. Mesmo trabalhando com diversos autores (Salomão, Agur, Lemuel, os sábios, os homens de Ezequias, etc.), o produto final forjado pela ação do Espírito Santo consegue aquilo que Clemente de Alexandria disse com propriedade: “Com todo seu poder, o instrutor da humanidade, a palavra

divina, usando todos os recursos da sabedoria consegue, por muitas rédeas, refrear os impulsos irracionais da humanidade”.¹⁶

ABSTRACT

The book of Proverbs is loaded with instructions and admonitions that seek to establish an acceptable norm of conduct. The definition of what is considered acceptable will inevitably suggest the existence of a core ethical principle guiding and controlling the definition of what is acceptable. This article presents a sample of the effect of such core ethical principle when it is applied to three different settings dealing with issues in the Israelite society. The issues are: a) the danger of bad companions, b) the danger of indifference, and c) the danger of promiscuity.

KEYWORDS

Book of Proverbs; Ethics in Proverbs; Promiscuity; Indifference.

¹⁶ ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland (Orgs.). *Fathers of the Second Century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria. The Ante-Nicene Fathers*. Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1885, vol. 2, p. 2228.